

**Júlia A. Santana**

*Universidade Federal da Bahia  
(UFBA)/Instituto Gonçalo  
Moniz (Fiocruz Bahia)*

**Astrid M. C. Goicochea**

*Universidade Federal da Bahia  
(UFBA)/Instituto Gonçalo  
Moniz (Fiocruz Bahia)*

**Paula M. Denizot**

*Universidade Federal  
Fluminense (UFF)*

**Sarah G. P. da Silva**

*Universidade Federal  
Fluminense (UFF)*

**Amanda C. da S. Leão**

*Universidade Federal  
Fluminense (UFF)*

**Macély V. B. Gervásio**

*Universidade Federal  
Fluminense (UFF)*

**Robertta S. Martins**

*Universidade Federal do Rio de  
Janeiro (UFRJ)*

**Vladimir P. P. B. Martins**

*Fundação Oswaldo Cruz  
(Fiocruz)*

**Valeria M. Borges**

*Instituto Gonçalo Moniz,  
(Fiocruz Bahia)*

**Adriana C. Faria-Melibeu**

*Universidade Federal  
Fluminense (UFF)*

*Correspondência  
acfmelibeu@id.uff.br*

**NEUROCIÊNCIAS & SOCIEDADE**



# PROJETO MENINAS NAS CIÊNCIAS:

*Elevando vozes em busca de representatividade  
através de narrativas pessoais*

## RESUMO

Por mais que as mulheres venham ocupando seus espaços de poder e conhecimento, atualmente ainda é evidente a desigualdade de gênero. O Relatório de Desigualdade de Gênero 2023 do Fórum Econômico Mundial prevê mais de 130 anos para que se alcance uma sociedade igualitária. As mulheres continuam sub-representadas nas ciências, principalmente nos locais de decisão e poder. Os estereótipos de gênero afetam as escolhas profissionais desde a infância, e limitam a participação de mulheres em certas áreas das ciências e, em parte, isso se deve à falta de incentivos e permanência. A luta por maior representatividade é ainda mais impactada pela interseção de gênero e raça, com mulheres negras e indígenas enfrentando exclusão adicional no meio acadêmico/científico. Neste cenário, o projeto de extensão universitária Meninas nas Ciências, fruto de uma parceria entre Universidade Federal Fluminense e Fiocruz Bahia, visa dialogar com meninas e mulheres em geral, trazendo conhecimento sobre cientistas de diferentes áreas das ciências. Por meio de entrevistas, pesquisas e séries documentais sobre cientistas mulheres, o projeto busca promover a representação, conscientizar e reduzir as barreiras que impedem meninas e mulheres de alcançarem seus sonhos em qualquer área que escolham. Com o uso de mídias sociais, o projeto atinge um público amplo e contribui para a construção de uma ciência mais inclusiva e diversa. A divulgação dessas histórias ajuda a combater barreiras de gênero, racismo e outras formas de exclusão, criando um ambiente mais acolhedor, de representatividade e inspirador para futuras gerações de cientistas.

Palavras-chave: meninas; ciências; pertencimento; empoderamento feminino; grupos sub-representados.

## INTRODUÇÃO

A construção histórico-cultural da figura feminina na sociedade foi pautada sobre uma ótica do patriarcado e não inclusiva (Boffi;Oliveira-Silva, 2021). Apesar de toda luta, ainda está longe da realidade uma sociedade igualitária entre homens e mulheres. Os dados do Relatório Global sobre a Desigualdade de Gênero 2024, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, ratifica tal afirmação ao estimar que sejam necessários cerca de 130 anos para se alcançar esse cenário (ONU, 2024).

A baixa disseminação dos nomes de grandes cientistas e a sub-representação das mulheres é uma preocupação latente na sociedade (Junges; Da Rosa; Grocinotti, 2022). A associação de que somente homens chegam a locais de poder e conhecimento é um paradigma que ainda está em desconstrução. Nesse patriarcalismo estrutural, as mulheres são instruídas, desde cedo, a assumirem papéis de fragilidade, de incapacidade e falta de confiança, ao passo que os homens são estimulados a serem dotados de coragem e força (Lazzarani et al., 2018).

A Agenda 2030 da ONU, aprovada em 2015, dentre seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) visa a promoção de uma educação inclusiva e equitativa (ODS4) e a igualdade de gênero com empoderamento feminino (ODS5). Diante desse compromisso, pesquisadores buscam estratégias para incentivar a participação de meninas, garantindo acesso e estimulando seu interesse ao longo da trajetória educacional (Reiking; Martin, 2018). No entanto, a literatura mostra que estereótipos de gênero influenciam significativamente as escolhas e interesses das meninas desde a infância. Aos seis anos, as meninas já têm uma menor probabilidade de acreditar que pessoas do seu gênero são brilhantes, o que faz com que elas se afastem de atividades relacionadas a essa qualidade. Isso demonstra que as percepções de "brilhanismo" associadas ao gênero começam a se formar precocemente e impactam escolhas acadêmicas e profissionais (Bian et al., 2017).

A desigualdade em relação a equidade de gênero é bastante evidenciada nas STEM (do inglês, Science, Technology, Engineering and Mathematics). A baixa representatividade feminina é enraizada por estereótipos que acompanham mulheres em todas as fases de suas vidas. Embora a proporção de mulheres no campo acadêmico esteja aumentando, os mecanismos necessários para sua inserção e interesse nas áreas de STEM são escassos, assim como os para sua permanência (Boffi; Oliveira-Silva, 2021). Dados do Enem de 2023, mostraram que apesar de 52% dos candidatos serem mulheres, somente 12% escolheram tecnologia, 18% engenharia e 70% se inscreveram em cursos de saúde e ciências sociais. Essa distribuição evidencia a necessidade de incentivar a participação feminina em todas as áreas do conhecimento, especialmente nas ciências exatas e tecnológicas. Nesse sentido, a inclusão de meninas nas ciências é uma questão que perpassa a igualdade de gênero, ela contribui também para o crescimento econômico (Inep, 2023). A diversidade no meio científico não leva apenas à justiça, mas também à ciência de maior qualidade (Erthal et al, 2021).

Uma outra questão relevante a esse respeito é a presença de mulheres em locais de decisão. Embora representem a maioria nos níveis de pós-graduação, as mulheres são minoria nos cargos mais altos das universidades e centros de pesquisa, caracterizando o efeito tesoura. Esse efeito representa uma metáfora amplamente utilizada para descrever a discrepância progressiva entre as proporções de homens e mulheres em posições de destaque, à medida que as carreiras avançam, especialmente no meio acadêmico e científico (Prá; Cegatti, 2016). Falta de representatividade, de encorajamento e de oportunidades são as principais barreiras atuais enfrentadas pelas meninas e superar tais desigualdades requer tanto uma revisão das práticas institucionais quanto a implementação de políticas afirmativas que promovam maior equidade de gênero.

A desigualdade de gênero torna-se ainda mais complexa quando interseccionada com questões de raça (Oliveira; Roque, 2024). Segundo dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), cerca de 3% do corpo docente é composto por mulheres negras com doutorado, essa falta de representatividade preta no corpo docente impacta a experiência educacional dos alunos vindos desses grupos, historicamente marginalizados, no ensino superior. Dados recentes levantados pela Rede Parents in Science revelam a ausência de pesquisadoras negras e indígenas contempladas com a bolsa de produtividade e

pesquisa do CNPq em seu nível mais alto (Staniscuaski et al, 2023). Apenas no final do ano passado a primeira pesquisadora negra foi contemplada com 1A, enquanto permanece sem a indicação de cientistas indígenas nessa categoria.

O reconhecimento e a valorização da luta feminina também estão relacionados com as histórias de mulheres. A divulgação de trajetórias femininas é especialmente crucial para o desenvolvimento das meninas, pois a presença de figuras representativas permite que elas se espelhem e criem suas próprias narrativas. De acordo com Medrado e Jesus (2018, p.1367), “demarcar que as mulheres têm/tiveram importante participação na história é também um movimento de resistência e fazer com que essas narrativas circulem socialmente já impulsiona um movimento de mudança social”.

No âmbito da raça, o ato de narrar essas histórias também cumpre um papel contra a manutenção da disparidade e do racismo estrutural. Santiago e Gaudenzi (2024) ressaltam a importância da disseminação das narrativas de mulheres negras, como parte de um processo de afirmação e diminuição do silenciamento. Contar histórias de mulheres negras que alcançaram grandes feitos é uma ferramenta de representatividade para meninas que poderão trilhar esses caminhos.

## PROJETO DE EXTENSÃO MENINAS DAS CIÊNCIAS - UFF

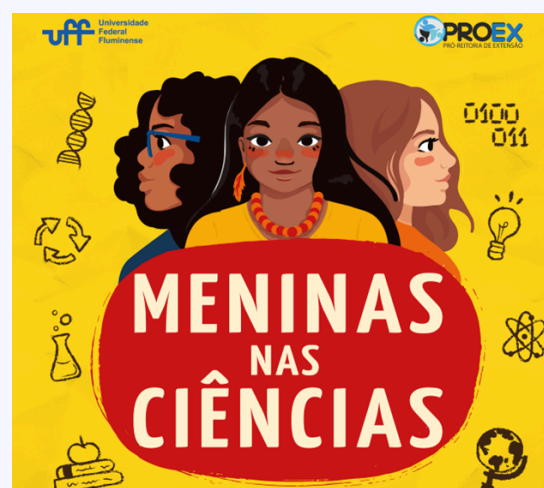
Reconhecer e divulgar essas histórias é fundamental para a construção de uma ciência mais inclusiva e diversa, capaz de refletir a pluralidade da sociedade. Ações de divulgação científica são fundamentais para tornar conhecidas as histórias de grandes inspirações reais da trajetória de meninas e mulheres ao redor do mundo, mostrando que é possível escolher qualquer espaço que desejem ocupar.

Nesse sentido de desenvolvimento de estratégias para promover a equidade de gênero e o pertencimento de grupos sub representados, o Projeto Meninas nas Ciências, da Universidade Federal Fluminense (UFF) em parceria com a Fiocruz Bahia, atua em múltiplas frentes para conectar meninas e mulheres ao universo acadêmico e científico. A partir de ações práticas e discussões teóricas, o projeto visa despertar o interesse pelas ciências e conscientizar sobre a necessidade de combater estereótipos de gênero que limitam as

trajetórias femininas. A proposta central é promover a representatividade e fortalecer a ideia de que as mulheres podem e devem ocupar espaços na ciência, caso assim desejem.

A iniciativa foi inspirada no projeto de mesmo nome, concebido originalmente pela Prof. Daisy Luz, docente do Instituto de Física da UFF e uma das fundadoras da Casa da Descoberta – UFF. Entre os anos de 2017 e 2018, o projeto inicial recebeu, nas dependências da Universidade, estudantes do ensino básico e médio para participarem de atividades de divulgação científica, palestras e oficinas, com o objetivo de promover o pertencimento dessas alunas aos espaços acadêmicos da Universidade. A nossa releitura tem como principal objetivo a criação de um espaço de apoio, estudo e reflexão sobre a presença das mulheres nas ciências. Por meio da coleta, através de entrevistas gravadas, e divulgação em formato audiovisual e nas plataformas de streaming, buscamos não apenas incentivar meninas a explorar carreiras científicas, mas também oferecer representatividade e visibilidade a pesquisadoras já consolidadas. O compartilhamento dessas histórias nos permite ampliar o debate sobre os obstáculos enfrentados e as estratégias para superá-los, além de contribuir para uma maior conscientização social sobre as barreiras sistêmicas que ainda dificultam a equidade de gênero nesse campo.

A identidade visual do projeto foi criada pela artista Lorena Deluiz. A diversidade brasileira está representada através dos rostos de três meninas (negra, branca e indígena), enquanto os símbolos das áreas da ciência (exatas, biológicas e humanas) estão dispostos ao redor da imagem central. As cores escolhidas — azul, amarelo e vermelho — foram selecionadas para simbolizar a diversidade e as múltiplas possibilidades que buscamos explorar nesta ação extensionista (Figura 1).



*Figura 1 - Logo do projeto idealizada por Lorena Deluiz.*

*A divulgação dessas histórias ajuda a combater barreiras de gênero, racismo e outras formas de exclusão, criando um ambiente mais acolhedor, de representatividade e inspirador para futuras gerações de cientistas*

## EM BUSCA DE MULHERES NA CIÊNCIA INSPIRADORAS

Nossas ações são divididas em três seções: entrevistas, pesquisa bibliográfica sobre mulheres que quebraram paradigmas em suas áreas de atuação e séries documentais. Todos esses conteúdos são divulgados em nossas mídias sociais. As entrevistas são realizadas com mulheres, de várias regiões do país, que estejam inseridas em diferentes ramos das ciências. As séries documentais: “Mulheres Negras nas Ciências”, “Mulheres LGBTQIAPN+ nas Ciências” e “Mulheres Indígenas nas Ciências” trazem visibilidade em pautas sociais como racismo, machismo e LGBTQIAPN+fobia.

A metodologia adotada baseia-se em entrevistas narrativas diretas, nas quais a entrevistada atua como protagonista de sua própria trajetória, respondendo a perguntas direcionadas, mas com liberdade para explorar suas experiências e realizações de maneira pessoal e fluida. A seleção das participantes prioriza a diversidade, garantindo representatividade de diferentes contextos e trajetórias. Após o aceite e a assinatura dos termos de consentimento para gravação, uso de imagem e voz, conforme estabelecido na Instrução de Serviço PROEX nº 01/2018, de 05/04/2018, um roteiro semiestruturado é elaborado para orientar a condução da entrevista, permitindo abordar tópicos essenciais sobre a vida acadêmica e profissional das participantes sem restringir a espontaneidade de suas narrativas. As entrevistas são publicadas no canal do YouTube e nas principais plataformas de podcast do projeto.

A criação do conteúdo para as redes sociais e outras mídias passa por um processo de curadoria orientado pelos coordenadores do projeto. Inicialmente, são realizadas reuniões internas para definir o tom da comunicação e os principais objetivos de cada campanha de divulgação. O conteúdo produzido, incluindo textos, vídeos e materiais gráficos, é revisado pelos coordenadores para garantir coerência com os princípios e diretrizes do projeto. A curadoria também

envolve a escolha de trechos estratégicos das entrevistas para serem destacados em postagens curtas e acessíveis, facilitando a disseminação das histórias contadas. Paralelamente, discussões internas são promovidas periodicamente a fim de ajustar a estratégia conforme necessário e debater formas de apresentar o conteúdo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua criação em 2020, o canal do YouTube do projeto acumulou 9.253 visualizações, com 500 inscritos e um total de 95 entrevistas publicadas. No Spotify (2021 - atual), onde os conteúdos também são disponibilizados em formato de áudio, foram registradas 6.309 reproduções, 72 seguidores e 66 entrevistas. Além disso, a página do projeto no Instagram (2020 - atual) conta com 3.188 seguidores, 52.700 visualizações, 227 publicações e 500 stories.

As redes sociais funcionam como o principal canal de comunicação e divulgação científica, e oferecem formatos dinâmicos e interativos, como vídeos curtos, infográficos, lives e postagens visuais, que facilitam a comunicação de conceitos científicos de forma acessível e atrativa, fortalecendo o senso de comunidade e pertencimento. Ao proporcionar contato com essas referências, o projeto busca desconstruir estereótipos de gênero e demonstrar que o campo científico não apenas é acessível às mulheres, mas também enriquecido por suas contribuições.

Dessa forma, “Meninas nas Ciências” atua como um local de inspiração, fortalecendo a autoestima e a percepção de pertencimento das meninas e mulheres à ciência, enquanto incentiva a formação de novas gerações de cientistas comprometidas com a diversidade e a inovação.

## REFERÊNCIAS

- BIAN, L.; LESLIE, S. J.; CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. *Science*, v. 355, p. 389-391, 2017. DOI: 10.1126/science.aah6524.
- BOFFI, Letícia Carolina; OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina. Enfrentando as estatísticas: estratégias para permanência de mulheres em STEM. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte, v. 14, n. spe, p. 1-27,



dez. 2021. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-8220202100030003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-8220202100030003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 dez. 2024. DOI: 10.36298/gerais202114e16922.

ERTHAL, F. S.; BASTOS, A. F.; VACCARIELLO, C.; MADEIRA, A. T. S.; SANTOS, T. S.; STARIOLO, J. B.; OLIVEIRA, L.; PEREIRA, M. G.; CALAZA, K. C.; HEDIN-PEREIRA, C.; VOLCHAN, E. Towards diversity in science - a glance at gender disparity in the Brazilian Society of Neuroscience and Behavior (SBNeC). *Braz. J. Med. Biol. Res.*, v. 54, n. 10, p. e11026, 2021. DOI: 10.1590/1414-431X2020e11026.

JUNGES, Débora de Lima Velho; DA ROSA, Lucas Pereira; GROGINOTTI, Valéria Gislaine. Projetos de incentivo e permanência de mulheres em áreas da STEM. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade-REED*, v. 3, n. 9, p. 1-18, 2022.

LAZZARINI, Ana Beatriz et al. Mulheres na ciência: papel da educação sem desigualdade de gênero. *Revista Ciência em Extensão*, v. 14, n. 2, p. 188-194, 2018.

MEDRADO, Ana Carolina Cerqueira; JESUS, Mônica Lima de. "Ainda assim me levanto": as narrativas históricas e a construção do eu feminino. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 18, n. 4, p. 1348-1371, 2018. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MSAMBWA, Msafiri M. et al. A systematic review of the factors affecting girls' participation in science, technology, engineering, and mathematics subjects. *Computer Applications in Engineering Education*, v. 32, n. 2, p. e22707, 2024.

OLIVEIRA, Leticia de; ROQUE, Tatiana (Org.). *Mulheres na Ciência: o que mudou e o que ainda precisamos mudar*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2024. Disponível em: [https://mulheresnaciencia.org/wp-content/uploads/2024/07/Livro\\_Mulheres-na-Ciencia.pdf](https://mulheresnaciencia.org/wp-content/uploads/2024/07/Livro_Mulheres-na-Ciencia.pdf). Acesso em: 10 fev. 2025.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. *Retratos da Escola*, v. 10, n. 18, 2016.

REINKING, Anni; MARTIN, Barbara. La brecha de género en los campos STEM: Teorías, movimientos e ideas para involucrar a las chicas en entornos STEM. *NAER: Journal of New Approaches in Educational Research*, v. 7, n. 2, p. 148-153, 2018.

SANTIAGO, Glaucia Helena de Paula; GAUDENZI, Paula. "Talking about black women, it crosses me": observations from online videos about racism and psychological suffering. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 34, p. e34084, 2024.

STANISCUASKI, Fernanda; MACHADO, Arthur V.; SOLETTI, Rossana C.; REICHERT, Fernanda; ZANDONÀ, Eugenia; MELLO-CARPES, Pamela B.; INFANGER, Camila; LUDWIG, Zélia M. C.; DE OLIVEIRA, Leticia. Bias against parents in science hits women harder. *Humanities & Social Sciences Communications*, v. 10, p. 201, 2023.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Os autores deste artigo, declaram não possuir conflitos de interesse de ordem pessoal, financeira, comercial, política ou acadêmica, relacionados a produção e elaboração dos conteúdos e pesquisas de sua autoria, aqui apresentados.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as ex-participantes do Projeto Meninas nas Ciências que contribuíram ao longo desses cinco anos para a construção do projeto, às mulheres cientistas que nos concederam entrevistas incríveis e a todas as pessoas seguidoras de nossas mídias sociais.

## FINANCIAMENTO

FOEXT - UFF

## The girls in science project: amplifying voices in search of representativity through personal narratives

### ABSTRACT

Even though women have been occupying positions of power and knowledge, gender inequality is still evident today. The World Economic Forum's 2023 Gender Inequality Report predicts achieving an egalitarian society will take over 130 years. Women remain underrepresented in science, especially in decision-making and power-based positions. Gender stereotypes affect career choices from childhood and limit women's participation in certain areas of science, and this is partly due to a lack of incentives and retention. The fight for more excellent representation is further impacted by the intersection of gender and race, with black and Indigenous women facing additional exclusion in the academic/scientific environment. In this scenario, the university outreach project *Meninas nas Ciências*, the result of a partnership between Universidade Federal Fluminense and Fiocruz Bahia, aims to engage with girls and women in general, bringing knowledge about scientists from different areas of science. Through interviews, research, and documentary series about female scientists, the project seeks to promote representation, raise awareness, and reduce the barriers that prevent girls and women from achieving their dreams in any field they choose. The project reaches a broad audience through social media and contributes to building a more inclusive and diverse science. Sharing these stories helps to combat gender barriers, racism, and other forms of exclusion, creating a more welcoming, representative, and inspiring environment for future generations of scientists.

**Keywords:** girls; science; belonging; women's empowerment; underrepresented groups.

*Artigo aceito em 18 de  
fevereiro de 2025.*

